

Monteiro Lobato e seus críticos

RICARDO DE CASTILHO SELKE¹

Monteiro Lobato foi, ao longo de seus sessenta e seis anos, um escritor de contos, editor de livros, adido comercial do Itamaraty nos Estados Unidos, empresário do ramo petrolífero e tradutor de obras da literatura americana e inglesa. Atualmente, dado o sucesso de suas obras destinadas ao público mais jovem, Lobato é lembrado, predominantemente, como o criador das narrativas em torno do Sítio do Pica-Pau Amarelo – recordação que não é equivocada, mas que certamente ignora uma obra adulta tão extensa e indispensável quanto a infantil. Dentro desse quadro de diferentes atividades e funções, há um aspecto desdenhado pela bibliografia conhecida do autor: os intelectuais críticos a Lobato; aqueles que buscaram desacreditar Lobato publicamente, ora como um criador de caricaturas (como o Jeca Tatu); um racista, incapaz de ver o africano como um elemento positivo e criativo de nossa nação; por fim, um propagandista do comunismo. Ao longo do texto, vamos analisar, em ordem cronológica, quais foram os principais críticos de Lobato. A maioria das fontes históricas são, segundo nosso conhecimento, inéditas.

A primeira querela de Monteiro Lobato, remonta ao ano de 1914. Nesse período, o autor ainda não era conhecido do público brasileiro, mas antes um fazendeiro do interior paulista (na Serra da Mantiqueira), que ocasionalmente traduzia artigos da imprensa internacional para o jornal *O Estado de São Paulo*. Foi nesse mesmo veículo de comunicação que Lobato iniciou sua polêmica primordial, em torno de um personagem fictício, intitulado por ele de “Jeca Tatu”. Com a publicação do artigo “Velha Praga”, e em seguida “Urupês”, o autor ganhou ressonância entre a elite pensante do país.

No primeiro parágrafo do primeiro artigo, Lobato definiu a que veio:

Andam todos em nossa terra por tal forma estonteados com as proezas infernais dos belacíssimos ‘vons’ alemães, que não sobram olhos para enxergar males caseiros. Venha, pois, uma voz do sertão dizer às gentes da cidade que se lá fora o fogo da guerra é implacável, fogo não menos destruidor devasta nossas matas, com furor não menos germânico. A Serra da Mantiqueira ardeu como ardem aldeias na Europa (...). (LOBATO, 2008: 159)

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Federal de Santa Catarina. Possui mestrado em História pela mesma instituição.

Criticando os brasileiros que só tinham olhos para a guerra na Europa, Lobato pretendia trazer à tona a “realidade” nacional esquecida ou mascarada pelos intelectuais citadinos, associando-os a uma alienação: incapacidade de ver o sertão “real” e o sertanejo “real”. Sua intenção foi analisar quem seria o responsável pelo recente incêndio que havia destruído parte da região onde habitava. Lobato chegou a uma questão racial:

A nossa montanha é vítima de um parasita, um piolho da terra, peculiar ao solo brasileiro como o “Argas” o é aos galinheiros ou o “Sarcoptes mutans” à perna das aves domésticas. (...) Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização (...). À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado (...), vai ele refugindo em silêncio (...) de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. (LOBATO, 2008: 160-161)

No artigo, o caboclo recebe vários nomes: Jeca Tatu, Manoel Peroba, Chico Marimbondo. Estes são descritos tendo uma característica animalesca, notoriamente pejorativa: são nômades, parasitas, tem filhotes (filhos), brotam da terra como um urupê e sua moradia, de tão precária pareceria uma obra da natureza.

Em “Urupês”, o autor procurou definir e descrever em minúcias o seu personagem. Ficaria conhecido apenas como Jeca Tatu. Nele, ironiza publicamente José de Alencar e sua escola pela primeira vez:

Por felicidade nossa (...) não os viu Alencar; sonhou-os qual Rousseau. (...) A sedução do imaginoso romancista criou forte corrente. Todo o clã plumitivo deu de forjar seu indiozinho refogado de Peri e Atala. Em sonetos, contos e novelas, hoje esquecidos, consumiram-se tabas inteiras de aimorés sanhudos, com virtudes romanas por dentro e penas de tucano por fora. O indianismo está de novo a deitar copa, de nome mudado. Crismou-se de “caboclismo”. (LOBATO, 2008: 167-168)

O Jeca Tatu não teria nenhuma virtude, apenas defeitos: votaria somente no governo, seria supersticioso, não compreenderia a ideia de Deus, tendo-O como um coronel e sua raça seria incapaz de evolução. Não conheceria e não produziria nenhuma forma de arte.

O impacto dos artigos não foi imediato. Segundo as contas de Lobato, o jornal tinha cerca de 40 mil assinaturas no momento. Um número expressivo, mas não o bastante para torná-lo nacionalmente conhecido. Sem dúvida, sua condição de fazendeiro “desconhecido” no inteiro paulista mudou completamente.

Podemos dividir a “descoberta” do Jeca em três partes. A primeira, já exposta, foi o seu lançamento no jornal paulista. A segunda, possivelmente no início de 1915 foi a sua republicação em outros jornais pelo Brasil. Sessenta, ao todo, segundo estudos posteriores (CAMPOS, 1986:16). A terceira foi a publicação do conto em livro. Para Cavaleiro, foi no formato livro que deu-se a fama do personagem e a sua crítica no meio intelectual (CAVALHEIRO, 1956:165). O livro *Urupês* foi lançado em 1918. Em setembro do mesmo ano já estava sendo preparada a sua 4ª edição. Em julho de 1919 estava na 5ª edição.

Parte do sucesso de Jeca veio com a ajuda do político e presidenciável Rui Barbosa. Num discurso, em 20 de março de 1919, no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, Barbosa comentou o significado da nacionalidade com a existência do Jeca Tatu. Neste discurso Barbosa começou taxando Lobato de “admirável escritor” para logo depois criticá-lo. O que torna esse discurso tão importante, é que para Barbosa, o Jeca Tatu seria a expressão literária de uma questão de classe social. Disse à plateia:

Não sei bem, senhores, se, no tracejar deste quadro, teve o autor [Lobato] só em mente debuxar o piraquara do Paraíba e a degenerescência inata da sua raça. (...) o gênio do artista, refletindo alguma coisa do seu meio, nos pincelou, consciente, ou inconscientemente, a síntese da concepção que tem da nossa nacionalidade os homens que a exploram. Se os pecos manda-chuvas deste sertão mal roçado, que se chama Brasil, o considerassem habitado, realmente, de uma raça de homens, evidentemente não teriam a petulância de o governar por meio de farsanterias (...). (BARBOSA, 1981: 172-173)

Segue afirmando que o Brasil não era formado por essas “criaturas taradas”, mas sim pelas pessoas que estavam reunidas no Teatro, acompanhando o discurso. Seria surpreendente se Barbosa, presidenciável, afirmasse o contrário. O que torna a observação de Barbosa pertinente é que, como membro da elite, possivelmente sabia como os seus pares viam os pobres – de forma depreciativa.

O primeiro contestador dos artigos foi o historiador curitibano Leônidas de Loyola, que em 1919, publicou *Urupês e o sertanejo brasileiro*. Neste pequeno livro, Loyola afirmou que o Jeca Tatu era um caso paulista e não nacional. Afinal, Lobato não conheceria nem o gaúcho nem o jagunço. Ecoando um argumento comum da época, afirma que se o Jeca era um doente, que lhe fosse dada assistência médica necessária:

Ainda mesmo restricta a questão ao caipira paulista, resta saber si elle [Jeca] com os recursos de que dispõe poderia ter feito mais do que fez. Parece-nos que não. (...) Pobre, analfabeto, roído de vermes, ignorante,

agricultor de métodos rudimentares e barbaros, o matuto não poderia ter feito mais do que fez. Qual a iniciativa que pôde ter um homem rude e ignorante, doente e insulado no deserto? “Jeca Tatu” é vítima e como tal precisa mais de defeza do que de ataque. (LOYOLA, 1919:11)

Num assunto muito pertinente na época, Loyola viu uma contradição (o autor utiliza o termo “divórcio eterno”) entre o interior e a cidade brasileira. O homem que vive no campo vê no homem da cidade um vagabundo. O homem que mora na cidade vê no homem do interior um bandido. Apenas com o conhecimento mútuo seria possível um entendimento.

A ação de Monteiro Lobato foi entendida como nociva por alguns intelectuais – especialmente aqueles fora do Estado de São Paulo – pois confirmou com sucesso de público todos os preconceitos que parte da população urbana brasileira tinha do caboclo, e do morador do interior. É isto que Loyola Ildfonso procurou combater. Para esse, o Jeca não era uma realidade, mas sim uma mera caricatura de um paulista (Lobato):

Ora, o que fez o renome de “Urupês” foi a figura caricatural de “Jeca Tatu” com que o sr. Monteiro Lobato pretendeu simbolisar o sertanejo brasileiro. Foi infeliz na sua tentativa o sr. Monteiro Lobato. Em primeiro lugar, porque a caricatura, que consiste na deformação, no aumento ou diminuição dos traços picturaes, não pôde, em absoluto, servir de simbolo á uma raça. (LOYOLA, 1919:33-34)

A resposta condenatória mais famosa dos dois artigos veio de Ildfonso Albano, deputado cearense, com o seu personagem, atualmente desconhecido, Mané Chique-Chique. O livro, intitulado *Jeca Tatu*, publicado possivelmente em 1920, é a crítica da crítica, dedicado à “gloriosa memória de José de Alencar, através de cujos romances Iracema suspira e canta a jandaia.” Seu prefácio foi escrito por Mário de Alencar, filho do escritor.

Neste, Mario de Alencar afirma que Lobato exagerou na sua criação. O Jeca Tatu seria um caso isolado, paulista e não representaria a situação do Brasil inteiro:

O indivíduo miserável, observado em Jeca Tatu, é um mero acidental de um ponto de solo insalubre ou de um momento adverso. Generalizando-o a todo Brasil é um erro de sociologia leviana ou uma cincada de política inconsciente. (ALENCAR, 1920:3)

Se a crítica de Lobato era racial, isso significaria que todos os brasileiros seriam também Jecas:

(...) a existir racialmente um Jeca Tatu, tinham sido Jecas Tatús os seus colaboradores na Constituinte e na imprensa, eram Jecas Tatús os seus partidários, e em todas as partes do país e em todas as classes, no governo e no parlamento, os havia, felizes ou infelizes, fortes ou fracos, segundo a boa ou má estrela de cada um. (ALENCAR, 1920:2)

Observa, com muito acerto, que o Mané Chique-Chique poderia ser entendido como a legitimação de Jeca Tatu, já que o primeiro morava no Nordeste, enquanto o segundo no Sul.

O Mané é o irmão de Jeca e seu oposto na vida rural. O livro é dividido em nove capítulos: *Os manos Jeca e Mané, Mané lavrador, Mané Vaqueiro, Mané Jangadeiro, Mané Seringueiro, Outras atividades de Mané, Mané Social, Mané poeta, Mané e a seca*. Albano descreve essas atividades do caboclo sempre procurando desqualificar o Jeca Tatu. Em nenhum momento Albano acusa Lobato de não ser patriota. O Mané seria rude, tenaz, resistente, sóbrio, honesto. Preferiria o terreno árido. Seria trabalhador: “Enquanto o Jeca está de cócoras, Mané Chique-Chique, no seu roçado, vasto a perder de vista, lavra o solo, fecundando-o com o suor de seu rosto”. (ILDEFONSO, 1920:11) Levaria uma vida agitada no campo: “Enquanto Jeca vegeta acororado, Mané, de gibão e chapéu de couro, leva a vida agitada do campo; montando no seu cavalo (...)”. (ILDEFONSO, 1920:23) Num tema ausente nos artigos de Lobato, o Mané seria explorado:

Além de perseguido pela natureza, Mané Chique-Chique é explorado pelo proprietário do seringal, insaciável e perverso, que lhe impõe um regulamento leonino e o rouba nos fornecimentos e no preço da borracha colhida. (ILDEFONSO, 1920:41)

Posteriormente, o personagem Jeca Tatu, ganharia outra conotação na pena de Rubens Amaral, fundador do jornal *Folha da Manhã*, num artigo para o mesmo, intitulado “Fernão Dias e Jeca Tatu”, de 25/01/1934, vinte anos depois da publicação do conto “Velha Praga”:

Vi citada uma frase de Monteiro Lobato, que não sei onde nem quando foi escrita e em que se afirmava, por outras palavras mais longas, que Fernão Dias, degenerou em Jeca Tatu. Essa frase deve datar de época anterior à Revolução de 1932, dos tempos em que, sob o jugo podre do P.R.P. ou sob jugo violento dos interventores, os paulistas viviam na “vil tristeza” de um povo cujo destino parecia fracassado. (...) Já debati com o ilustre autor de “Urupês” a realidade e a justiça do quadro em que ele pintou o caboclo paulista e o meu parecer era que lhe saíra do pincel uma caricatura exagerada e grotesca, falsa de tão grotesca e exagerada. Entretanto, a verdade, a que me rendi mais tarde (...) é que o caboclo paulista é dos mais infractários à higiene, hostil ao trabalho e (...) isento de forças espirituais

(...). É então o paulista inferior a outros povos do Brasil? Essa pergunta, eu a fiz a mim mesmo muitas vezes, ao ver Jeca Tatu (...). E, afinal, um dia eu achei a explicação (...) nas duas realidades contraditórias que tinha diante dos olhos. A explicação é que em S. Paulo co-existem duas raças, uma, a de Fernão Dias, superposta à outra, à de Jeca Tatu. (...) Monteiro Lobato errou porque não viu que somos, em São Paulo, duas castas que o preconceito separa há quatrocentos anos, felizmente. (AMARAL, 1934:6)

É interessante notar como Lobato foi capaz de criar um debate (seria o Jeca Tatu real ou não?) que durou quase por uma geração. Com o tempo, essas sutilezas, tanto do artigo do autor, quanto dos críticos, foram perdidas. No momento presente, Jeca Tatu é entendido como um sinônimo de caipira.

Outra polêmica que, salvo engano, nunca foi tratada anteriormente pelos biógrafos de Lobato, ocorreu em 1927, quando o autor publicou seu único romance, intitulado *O Presidente Negro*. De longe uma das resenhas mais importantes para o estudioso do autor, foi publicada no dia 31/01/1927, por Silveira Bueno, cronista, poeta e jornalista, no *Jornal da Manhã*. Escreveu:

(...) Pobre autor do “Urupês”. Como é lastimável a decadência intelectual de uma pessoa que já se admirou! Lobato é coisa morta, liquidada mentalmente e como tal, não deve mais aparecer em público. (...) “O Choque” não passou de uma tentativa falhada de romance. Não há proporção nenhuma entre o que se espera e o que se verifica no fim. (...) Lobato plagiou Wells, quem quizer certificar-se, que os compare. (...) “O choque” não tem lógica, não tem coerência: o autor se contradiz por todas as páginas, Ayrton Lobo é um ignorante e discute e compreende os problemas da física, da mecânica, etc, conversa fazendo citações de autores profundos. (...) A parte pior do livro, onde se revela a ruindade de Lobato, constituiu um caso de polícia, de tribunal até, é aquela em que, para fazer elogio, ou melhor, para patentear a sua adulação de Ford, aos Estados Unidos, vae systematicamente atacando, deprimindo a raça latina, o Brasil que elle visa amesquinhar. Só há uma pessoa na terra – é o Ford. Só há um paiz no mundo – os Estados Unidos. Só há uma raça no globo – é a americana do Norte. Porque não se naturaliza yankee? Porque não sae do Brasil? Porque não se oferece ao Ford como divertimento delle? Pensa que faria falta a este paiz, que já fez muito em atural-o até agora? Nenhuma. (...) “O Choque”, além de todos os defeitos que possui, traz ainda este – de ser um livro contra o Brasil, escripto por um brasileiro renegado. Este vício de Lobato é antigo: que é o Jeca Tatu? O maior ridículo lançado ao caboclo que fez o maior paiz da America do Sul. Quem forjou o Jeca-Tatú? Monteiro Lobato. Quem foi que em contos, em artigos avulsos, em conversas, até em sonhos sempre deprimiu os brasileiros, dando-os como ignorantes, como enfermiços, caricaturas de gente, etc.? Monteiro Lobato. Neste último livro a raiva delle se volta contra o homem pequeno, feio e preto, estigmas diz elle, de inferioridade racial. Lobato já comprou um espelho? (...) Em summa, um fracasso este livro que o autor nunca deveria ter publicado. Aconselho o Lobato um longo silêncio, um profundo exame de consciência, afim de nunca mais escrever nada, ou, si o fizer, que faça coisa que valha ao menos o papel de jornal em que foi impresso. (BUENO, 1927:9)



A resenha tem seriíssimos defeitos. Entretanto, quando trata do romance, suas críticas são justas. De fato, *O Presidente Negro* não é um bom livro. Não chegou a ser publicado nos Estados Unidos, como desejava o autor, dado o final bombástico que Lobato arquitetou: todos os negros americanos são esterilizados. O romance parece mais um panfleto pró-eugenia, (foi dedicado a Artur Neiva, célebre eugenista). Nessa resenha, temos, em estado embrionário, a associação de Monteiro Lobato com a prática do racismo. Para sermos justos, Bueno não usa esse conceito. Porém, deixa claro a noção de uma “inferioridade racial” presente no imaginário “lobatiano”. De forma provocativa e inteligente, questiona se Lobato já comprou um espelho – Lobato não era exatamente branco. A reação de Lobato ao crítico foi bem humorada. Dedicou o livro *Mister Slang e o Brasil* (1927) a Bueno: : “A Silveira Bueno, poeta um tanto fúnebre e crítico zangadinho, dedica Monteiro Lobato”. (LOBATO, 1927)

Com o fracasso de seu livro no Brasil, Lobato se mudou para os Estados Unidos, junto com sua família, no ano de 1927. Iria morar em Nova York, como adido comercial do Itamaraty. Tornou-se um assalariado do Governo Federal brasileiro. Voltaria ao Brasil apenas em 1931. Depois de sua estadia nos Estados Unidos, Lobato iniciaria sua carreira como empresário do ferro (e do petróleo) e sintetizaria todos os problemas brasileiros (inclusive os políticos) a questões econômicas, como a ausência da produção de ferro e petróleo em nosso país. Sua principal meta seria transformar o Brasil num produtor de ferro, utilizando o método desenvolvido por William H. Smith, metalúrgico de Detroit e antigo funcionário de Ford. Posteriormente, produzir petróleo em solo nacional.

Como todas as “fórmulas” que Lobato encontrou para transformar o Brasil num país rico essa também foi alvo de controvérsias tanto por jornalistas quanto por intelectuais. Para exemplificar: o jornal *Folha da Manhã* publicou uma reportagem em 22/07/1931, onde há sérias críticas a Smith. Pode-se ler:

O dr. Gumercindo Penteado, engenheiro pela Escola Polytechnica de S. Paulo, é um dos profissionaes, não acredita nos conceitos encomiásticos emittidos pelo autor de “Jéca Tatu”, sobre o systema de metallurgia do William H. Smith e dá, abaixo, as razões de sua duvida. – O sr. Monteiro Lobato – falou-nos o dr. Penteado – atacou os nossos technicos esquecido de que a estes homens trabalhadores, de boa vontade, se deve uma série de tentativas para produzir ferro, sempre contrariadas por causas independentes de sua vontade. Elle próprio [Lobato] põe a fortuna como elemento imprescindível do problema. E, caminhando de exaggero em exaggero, affirma que a riqueza resolve, automaticamente, todos os problemas sociaes. (...) A historia amargurada da série de insuccessos era de

molde a induzir os nossos estudiosos ao maior pessimismo, ou, pelo menos, a grande reserva perante o anuncio de qualquer victoria revolucionaria. Bastou, porém, que o sr. Monteiro Lobato trombeteasse de Nova York uma notícia vaga da revolução siderúrgica para que nossos technicos, numa demonstração de constante cuidado e grande interesse pelo importante problema, movimentassem todos os meios de que dispunham à cata de informações. Mas não foram felizes. Amigos de lá, que deveriam conhecer o caso (...) confessavam ignorar-o. (...) As revistas technicas nada traziam. E, mais importante, a empresa Ford respondia não ter relações, pelo menos há muitos annos, com o metallurgista Smith. (...) O que mais impressiona é que não se sabe nada acerca do “homem que mais conhece ferro no mundo”, que é “professor da Universidade de Detroit, à qual offereceu uma ala inteira construída à sua custa, onde installauo o curso da nova metallurgia” (...). Diz a University of Michigan, situada em Detroit ou proximidades, que “nunca foi, do seu conhecimento esse nome”. (O Processo Metallurgico Smith, Folha da Manhã. São Paulo, 22 de julho de 1931 p. 8)

Esta entrevista dialoga (ou ironiza) com um dos textos de Lobato, intitulado de “Quem é William H. Smith”. Em defesa de Lobato, é necessário dizer que W.H. Smith de fato trabalhou para Ford. Smith também patenteou uma nova forma de produzir ferro. Smith trabalhou inicialmente como gerente geral numa siderúrgica de Búfalo, produtora de bicicletas e fornecedora de equipamentos para a empresa de Ford. Em 1913, mais de uma década antes da viagem de Lobato aos Estados Unidos, Ford trouxe Smith para Detroit, contratando-o. (BRINKLEY, 2003:146)

A opinião que mais deixou Lobato irritado não veio de nenhuma reportagem de jornal ou comentários técnicos de algum engenheiro. Veio de Mario Pinto Serva, antigo colaborador da *Revista do Brasil*, e agora seu principal crítico. Podemos saber da grande irritação de Lobato, pois o autor acrescentou na 1ª edição de seu livro *Ferro* o artigo publicado no jornal *Diário Nacional* onde Mario negou que a ausência de ferro fosse o maior problema brasileiro. Lobato taxou o artigo de “(...) mais perfeita obra prima de incompreensão e má fé”. (LOBATO, 1931:124) O artigo é longo, mas relevante:

Em o jornal “O Estado de S. Paulo”, de 28 de maio, o sr. Monteiro Lobato defende a these de que todos os problemas do Brasil se resumem na produção do ferro e que tudo mais, todos os outros problemas, não têm importância de espécie alguma. E quem não acreditar nessa these é imbecil, cretino e idiota. Já há uns dez annos, atraz, o sr. Monteiro Lobato, também em mirabolante artigo, pelo mesmo jornal, fizera a descoberta infallível de que todos os problemas brasileiros se resumiam no anquilostomo e vermes intestinaes que atacam os caboclos brasileiros. Tratar o anquilostomo, era então para o sr. Lobato, a única e exclusiva salvação do Brasil. E afinal – em que ficamos, nos vermes intestinaes ou no ferro? (...) O sr. Monteiro Lobato é um brilhante escriptor, literato fino (...). Mas não é nem sociologo nem economista. (...) Porque Monteiro Lobato é dominado quasi sempre pelo espírito do paradoxo, precipitando-se em uma série de affirmações apressadas, não devidamente reflectidas. Ora, afirmar que todos os

problemas brasileiros se resumem no ferro – constitue um dislate. (...) A Inglaterra produz metade do ferro e do aço fabricados pela Alemanha e, no entanto, a Inglaterra tem uma riqueza três vezes maior que a Alemanha. (...) Mas a primeira de todas as riquezas de um país – é o cérebro de seus habitantes. Porque com o cérebro se descobrem todas as mais riquezas, e sem o cérebro não se descobre nenhuma. (...) O próprio sr. Monteiro Lobato, como é que descobriu que o ferro é tudo no Brasil? Lendo, estudando, pesquisando, pondo em acção o seu cérebro. Que foi necessário para o sr. Lobato fazer a sua mirabolante descoberta? Foi preciso essa cousa simples – cultura. (...) Onde não há povo culto, o caos social, político, mental e econômico é permanente, fatal, necessário, e fracassam todas as iniciativas, mesmo as tendentes à exploração do ferro. (...) Os países em que o povo é ignorante e inculto, qual o brasileiro, ficam como a China ou a Índia, dominados por potências estrangeiras ou em caos, anarchia e impotência permanente. É o que pretende o sr. Lobato para o Brasil, quando diz que a única cousa a cuidar é o ferro e que a instrução e tudo mais é “mesinha salvadora.” (LOBATO, 1931:126-130)

De certa forma, Mario Pinto Serva inverteu a lógica de Lobato: para o segundo, com ferro teríamos cultura; para o primeiro, com cultura teríamos ferro. Mario está certo em apontar em Lobato um intelectual que mudou de idéia sobre quais eram as principais causas do atraso brasileiro – mas por que mudar de opinião seria algo ruim na vida de um intelectual?

Além de comprar briga com jornalistas, o pior atrito de Lobato foi com o Governo Federal, dentro do contexto da chegada de Vargas ao poder, mas anterior ao Estado Novo de 1937. O autor criticou publicamente a legislação brasileira, como a Lei de Minas e o Ministério da Agricultura – teve o cuidado de não acusar necessariamente Getúlio Vargas. Segundo Lobato, a Lei de Minas não permitia a exploração do sub-solo, impossibilitando por lei, a exploração de petróleo no Brasil. Na opinião do autor, esta lei só fazia sentido para as empresas estrangeiras, como a *Standard Oil*. Afinal, sem produzir petróleo o Brasil tornava-se um consumidor e não produtor de petróleo. Lobato intitulou isto de “interesses ocultos” – essencialmente um sinônimo de *Standard Oil*. A idéia de “camorra federal”, “trustes” “sabotagem” ou “sabotadores estrangeiros” também ganhariam grande importância na obra do autor, como em *O Poço do Visconde* (1937) e *O Escândalo do Petróleo* (1936).

O Poço do Visconde é uma obra de síntese. Deve ser acompanhado com a leitura da obra adulta *O Escândalo do Petróleo*, pois muitos fatos retratados são casos que realmente ocorreram com o autor. No livro infantil, a notícia da descoberta de petróleo no sítio, leva à descoberta de petróleo pelo país inteiro. Depois disso:

Os agentes secretos dos trustes, que andavam a espalhar por toda parte que quando o Brasil tirasse petróleo a gasolina seria vendida mais cara que a água de Caxambu, ficaram desapontadíssimos. Toda gente percebeu que eles não passavam de espíões dos trustes, encarregados de espalhar a descrença no povo para que ninguém se lembrasse de pesquisar petróleo e o Brasil ficasse eternamente a comprar petróleo fora.

Em certas cidades, como Maceió, por exemplo, o povo, entusiasmado com a torrente de petróleo que brotava do Riacho Doce e com a gasolina vendida nas bombas a 20 centavos, agarrou os “caxambueiros” (como eram conhecidos esses marotos) e os fez passear pela cidade com caraças de burro pela cabeça – e no fim da passeata os jogou na lama dos mangues para serem comidos pelos sururus. (LOBATO, 2010:169)

Não é exagero dizer que Lobato criticou publicamente e de forma privada, quase todo o aparato burocrático do Ministério da Agricultura. Referindo-se ao Serviço Geológico (que na época monopolizava as pesquisas que buscavam encontrar petróleo no Brasil), Lobato afirmou categoricamente que seu chefe, Fleury da Rocha, era um títere dos “interesses ocultos”.

Em 10/03/1936 foi aberto um inquérito (depois ganhou o nome de comissão) tratando das acusações de Lobato contra o Ministério da Agricultura. O autor não compareceu pessoalmente na comissão, mas mandou uma carta ao presidente do inquérito (Pires do Rio), onde abreviou todas as suas acusações. (LOBATO, 2011:75)

A resposta do Ministério da Agricultura foi um relatório intitulado *Bases para o Inquérito sobre o Petróleo*. O principal argumento dos técnicos do Ministério é que não foi encontrado petróleo no Brasil por ausência de capital para fazer os testes geológicos. A tese de Lobato, que havia petróleo no Brasil é taxada de “ufanista”:

O brasileiro, sempre ufano do seu paiz, (...) repelle a suposição de que no Brasil, tão vasto e tão rico, não haja potentes jazidas daquelle combustível. Essa attitude mental, que resulta de um subconsciente onde se recalcam os resíduos hereditários das esperanças postas pelos antepassados nos prodigiosos thesouros guardados pela terra que se lhes apresenta, como ainda hoje se nos mostra, bella e dadivosa, adquire maior energia ao ser observado que o petróleo generosamente se distribue por quasi todas as republicas irmãs que comnosco limitam. (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, 1936:20-21)

Há uma passagem no inquérito onde é anexada uma reportagem de 14/01/1934, do *Jornal do Brasil*, onde, indiretamente, Lobato é acusado de montar um esquema de corrupção – sua empresa de petróleo seria apenas de fachada, uma forma de ganhar dinheiro fácil com a venda de ações. Logo em seguida, os técnicos afirmam:

Si o petroleo for descoberto caberá a estrangeiros 'o financiamento e a coordenação das explorações', suave euphemismo que mal encobre a realidade: entrega do negocio a estrangeiros. (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, 1936:85)

A principal crítica dos técnicos seria a seguinte:

O conflicto [Lobato versus Ministério da Agricultura] surdia das divergências naturalmente existentes entre a "technica" do lançamento de sociedades anonymas, baseado no "estrondo", que desperta a atenção do capitalista attrahido para outros negócios, e nas "affirmações" que levem de vencida as suas duvidas e a "technica official", discreta e temerosa de envolver as responsabilidades da sciencia e da autoridade publica ao enunciar de suas conclusões. Depois de assim originar-se aggrava-se com um novo choque de mentalidade: da mentalidade liberal, que facilita às empresas todas as iniciativas e processos de acção, e a mentalidade technocratica que assegura aos órgãos technicos regularmente constituídos o direito de dictar normas e conductas às emprezas particulares, para proveito de seus interessados e resguardo das conveniencias sociaes. (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, 1936:86-87)

Afirmar que Lobato era um representante da "mentalidade liberal", na década de 1930, era mais uma forma de depreciar o autor perante o Governo Federal. Com o fracasso da sua empresa de petróleo, e sua prisão em 1941, Lobato se afastou completamente de Getúlio Vargas. Foi esse afastamento de Lobato que o levou a elogiar os principais oponentes à ditadura instaurada em 1937: os comunistas.

A relação de Lobato com os comunistas ainda precisa ser aprofundada. Porém, Lobato via nos comunistas um aliado em comum contra a ditadura de Vargas. Logo, há um abismo entre a relação que Jorge Amado e Caio Prado Junior tiveram com o marxismo e a relação de Lobato com o mesmo. Os primeiros realmente eram comunistas, e suas obras eram fruto desta ideologia. O segundo era um mero simpatizante, que nunca demonstrou grande conhecimento de nenhuma obra de Karl Marx.

O caso mais emblemático da época foi o livro-denúncia que procurou responder se Lobato foi um propagandista comunista-ateu. Chama-se *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças*, escrito pelo padre Sales Brasil e publicado em 1957. No prefácio da obra, monsenhor Álvaro Negromonte afirmou:

Este livro devia ter vindo há muitos anos, para evitar os imensos males que anda espalhando a Literatura Infantil de Lobato. Sempre tivemos, aqui e ali,

pequenos estudos da obra demolidora de Lobato, desde que começaram a circular os seus livros. Fui um dos primeiros a combater essa influência perniciosa, na tribuna, na imprensa e no rádio. Em 1936, a Associação de Professores Católicos de Diamantina, denunciando “os grandes males que poderiam advir, para a fé e a educação cristã das crianças, da leitura das últimas obras de Monteiro Lobato”, pediu ao seu Arcebispo que as proibisse naquela arquidiocese. A resposta foi que os referidos livros já estavam proibidos pelo próprio Direito, segundo as normas do Cânon 1399 que condena “os livros que defendam heresia ou cisma ou de qualquer maneira procurem destruir os fundamentos da Religião”. (NEGROMONTE, 1958)

O que provocou o padre Sales Brasil a escrever este livro, foi o panfleto escrito por Lobato, pró-Prestes, *Zé Brasil (1947)*. O seu objetivo, como o próprio título da obra indica, é analisar a obra infantil de Lobato, procurando coincidências com o programa comunista. Sales Brasil divide o programa comunista desta forma:

- Negação de uma causa superior à matéria, que, a esta, lhe tivesse dado origem, portanto.
- Negação da divindade de Cristo e da existência de Deus.
- Negação da superioridade do cristianismo; ou melhor, afirmação explícita da superioridade do paganismo em face da religião cristã; e mais ainda, explicação (...) da inferioridade da religião católica, relativamente aos ramos que trazem menos seiva de cristianismo, etc...
- Negação da espiritualidade da alma e da existência de outros espíritos.
- Negação da verdade lógica, ontológica e da certeza absoluta; negação da imoralidade da mentira e da força do direito.
- Negação do vínculo matrimonial indissolúvel.
- Negação da moralidade do pudor e negação do impudor das obscenidades.
- Negação da hierarquia social.
- Negação da Independência da Pátria.
- Negação do direito à propriedade particular.

Quem procura, acha. Sales Brasil, com sua mentalidade paranoica, encontrou todo o suposto programa do Partido Comunista na obra infantil do autor. Monteiro Lobato viveu o bastante para ver a gênese desta apropriação/recepção de sua obra – morreu em 1948. A construção de Lobato como um comunismo-ateu dependia de um ambiente radical (como a Guerra Fria) e da demência da direita brasileira. Com o fim



deste ambiente, (fim da URSS e da Ditadura Militar) esta construção foi esquecida e só é lembrada por estudiosos da obra do autor ou por pessoas que viveram aqueles anos.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Rubens. Fernão Dias e Jeca Tatu. **Folha da Manhã**, São Paulo, 25 de jan.1934. p. VI.

ALENCAR, Mario de. Prefácio. In: ALBANO, Ildefonso. **Jeca Tatu**. 1º edição. Rio de Janeiro: Livraria Araujo, 1920. p. III.

BARBOSA, Ruy. A Questão Social e Política no Brasil. **Ciência & Tópico**: José Bento Monteiro Lobato. Recife, Volume 9, Número 2, p. 172-173, Jul/Dez de 1981.

BUENO, Silveira. Livros novos. **Folha da Manhã**, São Paulo, 31 de jan.1927.

BRINKLEY, Douglas. **Wheels for the World**. USA: Penguin Books, 2003. p. 146.

CAMPOS, André Luiz Vieira. **A República do Picapau Amarelo**: uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo: Martins Fontes, 1986. p. 16.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**: Vida e obra: Tomo I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. p. 165.

LOBATO, Monteiro. Velha Praga. In: LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Editora Globo, 2008. p. 159.



LOYOLA, Leonidas. **Urupês e o Sertanejo brasileiro**. 1º edição. 1919. p. 11.

LOBATO, Monteiro. **Mister Slang e o Brasil**: colloquios com o inglez da tijuca. 1º edição. Companhia Editora Nacional, 1927.

LOBATO, Monteiro. **Ferro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931. p. 124.

LOBATO, Monteiro. **O Poço do Visconde**. São Paulo: Editora Globo, 2010. p. 169.

LOBATO, Monteiro. **O escândalo do petróleo e Georgismo e Comunismo**. São Paulo: Editora Globo, 2011. p. 75.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. **Bases para o inquérito sobre o petróleo**. Rio de Janeiro, 1936.

NEGROMONTE, Álvaro. Prefácio. In: BRASIL, Sales. **A literatura infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para crianças**. São Paulo: Edições Paulinas, 1958.

Jornais:

O Processo Metallurgico Smith, **Folha da Manhã**. São Paulo, 22 de julho de 1931. p. 8.